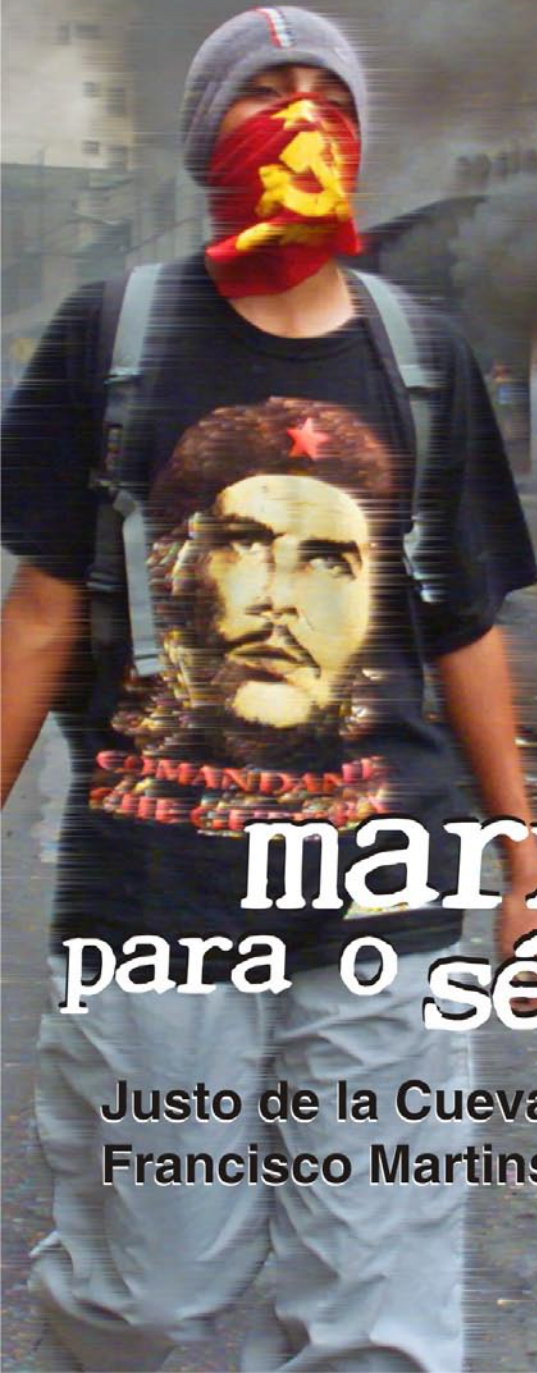


Seminário de Formação
Compostela, 17 de Junho de 2007



marxismo para o século XXI

Justo de la Cueva
Francisco Martins



Ferramentas de formaçom e luta



Marxismo para o século XXI

Quaderno realizado em base aos esquemas dos ponhentes do Seminário celebrado o 17 de Junho em Compostela

Colecção

Ferramentas de Formação e Luita, nº4

www.briga-galiza.org

nacional@briga-galiza.org

Seminário de Formação
Marxismo para o século XXI

1. FUNDAMENTOS DO MARXISMO----- 7
(Justo de la Cueva)

2. CORRENTES DO MARXISMO-----35
(Francisco Martins)

Fundamentos do marxismo

NOTA PRÉVIA. Este esquema tem como finalidade servir de recordação para os assistentes. Contém o esqueletoe (os títulos numerados que vam no texto em negrita e sublinhados) da intervençom do relator. É o texto de algumas das citaçoms que se manejarã, assim como as referências bibliográficas (que vam em letra mais pequena). Também um repertório de alguns dados concretos. E as afirmaçoms e proposiçoms chave e alguns exemplos concretos. Embora três horas som muitas para o que tenhem de escuitar, som desesperantemente insuficientes para um tema da envergadura do que aqui se acomete. A estratégia do que fala foi a de escolher um punhado de questons chave e desenvolvê-las com algum detalhe adicionando ao final umha muito breve sinopse da elaboraçom do marxismo e de qual é o seu núcleo.

ÍNDICE

Primeira parte (11,00 a 12,00 horas)

I. O marxismo como crítica implacável de todo o existente. A sua conclusom: este mundo é umha merda e a culpa a tem o capitalismo. Porque o Modo de Produçom Capitalista é umha fábrica contínua de miséria. Marx tinha razom. A lei geral da acumulaçom capitalista e o empobrecimento absoluto do proletariado. Hominizaçom, bipedaçom e quatro milhons e meio de anos de comunismo primitivo. 10.000 anos de propriedade privada e 500 de capitalismo.

1. O marxismo é, antes de mais nada, a crítica implacável de todo o existente.
2. Marx e Engels, em dous livros chave descrevem como o mundo existente é umha merda e a culpa a tem o capitalismo.
3. A lei geral da acumulaçom capitalista de Marx e o empobrecimento absoluto do proletariado.
4. Marx tinha razom. Os dados, a demonstraçom empírica, provam a validez dessa lei enunciada por Marx.
5. Os países hoje pobres som-no porque os hoje ricos se enriquecêrom mediante o capitalismo empobrecendo-os a eles.
6. Quatro milhons e meio de anos de comunismo primitivo, dez mil anos de propriedade privada e 500 anos de capitalismo. Hominizaçom, bipedaçom e comunismo primitivo.

Segunda Parte (de 12,05 a 13 horas)

II. Modos de produção. Opacidade do capitalismo. Mercantilização. A mais-valia.

7. Umha ferramenta conceitual chave: Os Modos de Produção (tributário ou asiático, antigo ou escravista, feudal, burguês ou capitalista)

8. A característica opacidade do capitalismo. E a mercantilização de todas as coisas (a conversão dos valores de uso em valores de mudança) como motor criador e destino manifesto do capitalismo.

9. A maisvalia. O segredo do capitalismo. O sistemático roubo de trabalho aos trabalhadores desvelado pela explicação científica da exploração capitalista que Marx faz no Capital. Um exemplo basco.

Terceira Parte (de 13,05 a 14 horas)

III. Classes e luta de classes. As nações e o seu direito à autodeterminação. A violência dos oprimidos e explorados é sempre legítima. Umha olhar final muito rápido à elaboração e ao núcleo do marxismo.

10. Da Pré-história (sociedade sem classes e sem Estado) ao comunismo futuro (sociedade sem classes e sem Estado) passando pela História de todas as sociedades até os nossos dias que é a História das lutas de classes.

11. As classes e as nações e o seu direito à autodeterminação. Um problema de incandescente actualidade para os marxistas no mundo e no Estado espanhol.

12. Frente à curiosa aparição actual de comunistas cristãos e pacíficos, para os marxistas a violência dos oprimidos e explorados é sempre legítima e necessária.

13. Um olhar final muito rápido à elaboração e ao núcleo do marxismo.

Primeira parte (11,00 a 12,00 horas)

I. O marxismo como crítica implacável de todo o existente. A sua conclusão: este mundo é umha merda e a culpa a tem o capitalismo. Porque o Modo de Produção Capitalista é umha fábrica contínua de miséria. Marx tinha razão. A lei geral da acumulação capitalista e o empobrecimento absoluto do proletariado. Hominização, bipedação e quatro milhões e meio de anos de comunismo primitivo. 10.000 anos de propriedade privada e 500 de capitalismo.

1. O marxismo é, antes de mais nada, a crítica implacável de todo o existente

Em setembro de 1843 o jovem Marx (tinha 25 anos) em vésperas do seu primeiro exílio da Alemanha escreve ao seu colaborador Arnold Ruge:

"É tanto mais seguro o que ao presente temos do que levar a cabo; refiro-me à crítica implacável de todo o existente; implacável tanto no sentido de que a crítica nom deve assustar-se dos seus resultados como no de que nom deve fugir do conflito com os poderes dominantes"

E ao longo de toda a sua vida nom só exerceu essa **crítica implacável de todo o existente** senom que logrou que se convertesse em tarefa chave de todos os marxistas. Crítica implacável de todo o existente que inclui ao que os próprios marxistas fam, pensam, escrevem, organizam.

É, certamente necessário fazer umha crítica radical, implacável, de todo o existente **feito polo inimigo**. Mas **é imprescindível** fazer umha crítica radical, implacável, de todo o existente **feito por nós e por os nossos amigos e camaradas**. Sem cair na imbecilidade de achar que criticar o que nós e @s noss@s amig@s ou camaradas de luta fazemos **é dar oportunidades ao inimigo**. Ao inimigo dam-se-lhe oportunidades quando se cai na imbecilidade de achar que unír-se a umha luta justa equivale a entrar num cabalístico ou alquimista círculo de giz que de forma mágica e instantânea converte os tontos em listos, os torpes em hábeis, os ignorantes em sábios, os covardes em valentes, os laretas em discretos.

2. Marx e Engels, em dous livros chave descrevem como o mundo existente é umha merda e a culpa tem-na o capitalismo

De 1842 a 1844 Engels -nascido em 1820- trabalha na empresa Ermen and Engels de Manchester. E aproveita a estadia. Escreve um livro fundamental. Como ele mesmo di na sua dedicatória ("*À classe trabalhadora de Gram-Bretanha*"):

"Trabalhadores:... Vivim bastante entre vostedes para conhecer algo de vossa condiçom; ao vosso conhecimento dediquei a minha maior diligência; estudei, quando me foi possível, os variados documentos oficiais e nom oficiais; nom me contentei com isto; quigem, mais do que o conhecimento abstracto do meu assunto, sentim a necessidade de ver-vos nas vossas mesmas casas, de observar-vos na vossa vida qüotidiana, de falar convosco a respeito das vossas condiçoms de vida e sofrimento, de assistir às vossas luitas contra o poder político e social dos vossos opressores. Figem assim: abandonei a companhia, os convites, o vinho do Porto e o champanha das classes médias, e dediquei as minhas horas de lazer, quase exclusivamente, a estabelecer relação com simples trabalhadores...

Trata-se, nada mais e nada menos, que da primeira obra marxista de investigação sociológica "com trabalho de campo: observaçom participante". A obra que evidencia que a sociologia marxista nasce apoiando-se numha muito basta contribuiçom de material empírico experimental. Livro decisivo porque expressa o conhecimento acumulado que o Engels, que já conhecia pessoalmente o Marx desde 1842, contribuiu à iluminaçom conjunta polo Marx e ele do materialismo histórico.

Friedrich Engels: *La situación de la clase obrera en Inglaterra* (A situação da classe operária em Inglaterra). Editorial Futuro, Buenos Aires, 1965. Akal Editor, Madrid, 1976. 336 páginas. (Escrito em alemão em 1845 em Barmen -Prússia Renana-. Título original *Die Lage der arbeitenden Klasse in England*, 1845)

Karl Marx (nascido em 1818 e morto em 1883) escreveu um livro fundamental: *O Capital. Crítica da economia política*.

Só o Livro Primeiro foi publicado em vida de Marx. Em 1867: *El Capital. Crítica de la economía política. Libro Primero: El proceso de producción del capital*. Volume 1, Siglo XXI de España Editores S.A., Madrid, 1978 (2ª de Espanha). Volume 2, Siglo XXI de España Editores S.A., Madrid, 1979 (2ª de Espanha). Volume 3, Siglo XXI de España Editores S.A., Madrid, 1980 (2ª de Espanha). Título original *Das Kapital. Kritik der politischen Oekonomie. Buch I: Der Produktionsprozess des Kapitals*, Verlag von Otto Meissner, Hamburg, 1867.

Os Livros Segundo e Terceiro do Capital publicados pelo Engels em 1885 e 1894 depois da morte do Marx e graças a um difícil e meritório trabalho sobre os manuscritos:

- *El Capital. Crítica de la economía política. Libro Segundo: El proceso de circulación del capital*. Volume 4, Siglo XXI de España Editores S.A., Madrid, 1976 (1ª de Espanha). Volume 5, Siglo XXI de España Editores S.A., Madrid, 1976 (1ª de Espanha). Título original *Das Kapital. Kritik der politischen Oekonomie. Buch II: Der Cirkulations des Kapitals*, Verlag von Otto Meissner, Hamburg, 1885

- *El Capital. Crítica de la economía política. Libro Tercero: El proceso global de la producción capitalista*. Volume 6, Siglo XXI de España Editores S.A., Madrid, 1976 (1ª de Espanha, 1ª em espanhol). Volume 7, Siglo XXI de España Editores S.A., Madrid, 1977 (1ª de Espanha, 1ª em espanhol). Volume 8, Siglo XXI de España Editores S.A., Madrid, 1981 (1ª de Espanha). Título original *Das Kapital. Kritik der politischen Oekonomie. Buch III: Der Gesamtprozess der kapitalistischen Produktion*, Verlag von Otto Meissner, Hamburg, 1894).

Qualquer pessoa culta sabe que esse livro supujo para a humanidade umha revolução superior à que para a Europa supujo afirmar que era a Terra a que dava voltas ao Sol e não ao revés. No Capital há pelo menos (som muitos mais), dois livros. Um é o que consiste numha gigantesca, monumental, elaboração científica e teórica que supujo umha abertura decisiva no horizonte mental da humanidade. Que no campo das ciências do homem iguala ou supera ao que na Astronomia supuseram Kepler, Copérnico e Galileu juntos ou no das ciências físicas e naturais Newton, Darwin e Einstein juntos. Mas, junto a esse livro cientificamente decisivo que há no Capital, qualquer leitor encontra outro livro que está nos mesmos tomos. Um livro que é umha magistral descrição sociológica dos horrores e a brutalidade da sociedade industrial inglesa do século XIX, da miséria e a dor e o sofrimento gerados pelo desenvolvimento do capitalismo industrial inglês e que é perfeitamente aplicável à realidade desses mesmos horrores e brutalidade que HOJE se estão a produzir em muitas -demasiado extensas e demasiado poboadas- partes do planeta.

O próprio Marx advertia no prólogo da primeira edição que poderia ter escrito umha descrição análoga sobre a realidade alemã "se os nossos governos e parlamentos, como na Inglaterra, designassem periodicamente comissões

investigadoras da situação económica; se a essas comissões se conferirem os mesmos plenos poderes de que gozam na Inglaterra para pesquisar a verdade; se a tais efeitos se pudessem encontrar homens tam competentes, imparciais e inflexíveis como os inspectores fabris ingleses, como os seus autores de relatórios médicos a respeito da "Public Health" (saúde pública), os seus servidores públicos encarregados de pesquisar a exploração das mulheres e nenos e as condições de vida e alimentação, etc".

Marx realizou um hercúleo labor de paciente leitura, acópio, anotação, crítica e análise desses relatórios ingleses e os integrou em *O Capital*. De forma que as suas descrições da realidade inglesa tem a solidez e o aporte de provas materiais contrastadas e de provas documentárias e detalhadas do melhor alegado do que qualquer acusador dos Julgamentos de Nuremberg tenha feito. Páginas e páginas e páginas e a maioria aplastante dos capítulos deste Livro Primeiro som esses alegados solidíssimos de acusação de crimes e horrores, um relato vibrante, acusador de crimes, desmascarador de mentiras, flagelador de miseráveis. Ler essas páginas supom ler um relato de aventuras nom inventadas mas muito reais, chorreante de sangue e de violência, de abnegação e de vileza, de sacrifícios e de espoliações.

3. A lei geral da acumulação capitalista de Marx e o empobrecimento absoluto do proletariado

No que é o livro científico chave que é *O Capital*, no Livro Primeiro, MARX anunciou **a depauperação absoluta do proletariado** (o empobrecimento absoluto do proletariado) ao formular **"a lei geral, absoluta, da acumulação capitalista"**. A lei que:

"Produz umha acumulação de miséria, proporcionada à acumulação do capital. A acumulação de riqueza num pólo é ao próprio tempo, pois, acumulação de miséria, tormentos de trabalho, escravatura, ignorância, embrutecimento e degradação moral no pólo oposto"

(Karl Marx: *Das Kapital/Kritik der politischen ökonomie*. Buch I.1867. Cito da página 805 da edição em espanhol *El Capital. Crítica de la economía política*. Livro Primeiro. Volumen 3, Siglo XXI de España Editores S.A., Madrid, 1980 (2ª de Espanha). Capitulo XXIII La ley general de la acumulación capitalista)

"Com a diminuição constante no número dos magnates capitalistas que usurpam e monopolizam todas as vantagens deste processo de mudança, acrescenta-se a massa da miséria, da opressão, da servidume, da degeneração, da exploração"

(Ibidem página 953. Capitulo XXIV La llamada acumulación originária)

O que Marx enunciava ao formular essa lei é que o capitalismo, o Modo de Produção Capitalista é uma fábrica contínua de miséria. Que o que o capitalismo produz à medida que se desenvolve é pobreza, miséria, doença, ignorância. E, porque se produz isso, consegue umha acumulação cada vez maior de mais riquezas em menos maos.

O Marx, junto ao Engels, já tinha avançado em 1848, no *Manifesto Comunista*, essa tese da depauperação absoluta do proletariado dizendo que: "O obreiro moderno, pelo contrário, longe de elevar-se com o progresso da indústria, desce sempre mais e mais por baixo das condições de vida da sua própria classe. O trabalhador cai na miséria, e o pauperismo cresce mais rapidamente ainda do que a população e a riqueza".

Immanuel Wallerstein, enfatizou a validação empírica do prognóstico de Marx, mais de cem anos depois de que fora publicado. Dizendo que:

"Quero defender a tese marxista que inclusive os marxistas ortodoxos tendem a enterrar envergonhados, a tese da depauperação absoluta (e nom relativa) do proletariado.

Já estou a escutar os murmúrios dos amigos. Seguro que nom falas a sério; seguro que te referes à depauperação relativa. Nom está o trabalhador industrial numhas condições notavelmente melhores hoje do que em 1800? O trabalhador industrial sim, polo menos muitos trabalhadores industriais. Mas os trabalhadores industriais continuam a constituir umha parte relativamente pequena da população mundial. **A abrumadora maioria dos trabalhadores mundiais, que vivem em zonas rurais ou oscilam entre estas e os subúrbios da cidade, estão em piores condições do que os seus antepassados há quinhentos anos.** Comem menos bem e certamente temem umha dieta menos equilibrada. Ainda temem mais probabilidades de sobreviver ao seu primero ano de vida (a causa do efeito de umha higiene social destinada a proteger aos privilegiados), duvido de que as esperanças de vida da maioria da população mundial a partir do primeiro ano de vida sejam maiores do que antes; suspeito que mais bem sucede o contrário. Indiscutivelmente trabalham mais: mais horas por dia, por ano, por vida. E dado que o fam por umha recompensa total inferior, **a taxa de exploração aumentou fortemente**".

(página 91 da edição em castelán de *El capitalismo histórico*, Siglo XXI de España editores S.A., Madrid, 1988)

Wallerstein explicou também luminosamente a forma em que o capitalismo histórico, o **capitalismo real**, desenvolveu (como ferramentas próprias e para o seu melhor funcionamento) o sexismo e o racismo. E de que maneira esse racismo e esse sexismo, criações do capitalismo que modificam -piorando-os incrivelmente- fenómenos anteriormente existentes (a xenofobia e a posição dominante dos homens sobre as mulheres), configuraram um marco ideológico de humilhação opressiva que nom tinha existido nunca com anterioridade ao capitalismo histórico. Em definitivo, sustenta que **tanto em termos materiais como psíquicos (sexismo e racismo) houve umha depauperação absoluta, um empobrecimento absoluto.**

É fundamental demonstrar con dados esse empobrecimento. E há dados decisivos, indiscutíveis, irrefutáveis.

4. Marx tinha razão. Os dados, a demonstração empírica, provam a validade dessa lei enunciada por Marx

Som precisamente os organismos ao serviço do capitalismo mundial (Fundo Monetário Internacional, Banco Mundial, Organização das Nações Unidas (ONU) e as suas Agências, etc) quem os reúnem, calculam e publicam. Os que fazem cantar aos números o fracasso mundial do capitalismo como sistema incapaz de satisfazer nem sequer as mínimas necessidades da gente. **De forma que som os expertos ao serviço do capitalismo os que publicam os dados que provam que hoje é um facto a depauperação absoluta (o empobrecimento absoluto) do proletariado que essa lei formulada por Marx anunciava. E que o Modo de Produção Capitalista é umha fábrica contínua de miséria.**

Por exemplo: "*Actualmente há no mundo mais gente que passa fome do que nunca na história da humanidade, e o seu número vai em aumento*". Essa pequena e terrível denúncia do fracasso mundial do capitalismo, publicada em 1987, não a faziam e publicavam precisamente uns comunistas. Fazia-o nada mais e nada menos que a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento constituída para cumprir umha encomenda da Assembleia Geral das Nações Unidas.

(World Commission on Environment and Development (Comissão Mundial do Meio Ambiente e o Desenvolvimento): **Our Common Future**, Oxford University Press, 1987. Cito da página 51 da edição em espanhol **Nuestro futuro común**, Alianza Editorial S.A., Madrid, 1988. 460 páginas.)

Numhas entrevistas publicadas em EL MUNDO o 23 de Junho de 2006 e em EL PAIS 5 dias depois o sociólogo suíço Jean Ziegler, Relator Especial da ONU para o Direito à Alimentação, denunciou que: "*Vivemos uma tragédia: **jamais a miséria foi tam grande: 100.000 pessoas morrem ao dia como consequência da fome...** No 2005, só 500 empresas multinacionais controlavam mais do 52% do PIB mundial. E ao mesmo tempo **cada cinco segundos um nenho menor de dez anos morre de fome. Cada quatro minutos umha pessoa perde a vista por falta de vitamina A. Há duas classes de fomes, a conjuntural, como agora sucede no Corno de África, por causa da seca. E a fome estrutural, o do subdesenvolvimento, a desnutrição fetal: essa que transmitem as mães aos filhos porque elas mesmas estão subalimentadas.***"

Como acertadamente dixo em maio de 1995 a Organização Mundial da Saúde (num relatório apresentado em Genebra com motivo da Assembleia Mundial da Saúde), "**a pobreza é a doença mais mortífera do mundo. A pobreza extrema é a primeira causa de mortalidade e sofrimento no mundo.**"

(LA VANGUARDIA 2.3. 1995 página 29)

A metade da população mundial (3.300 milhões de pessoas) vivem com

menos de dois (2) dólares ao dia (pouco mais de euro e meio ao dia). Deles 1.300 milhões vivem com menos de 1 dólar ao dia. **NUNCA HOUVO TANTOS EMPOBRECIDOS COMO AGORA.** Enquanto 37 milhões de ricos no mundo (só o meio por cento da população mundial) tem cada um mais de meio milhão de dólares. O 9 de Junho de 2003 o director geral da Oficina Internacional do Trabalho (OIT), Juan Somavía, afirmou que **"Nunca tínhamos visto tanta riqueza enquanto umha cifra tam grande de pessoas continua vivendo na mais absoluta pobreza"**.

Dos 191 países e territórios estudados pelo Relatório 2003 do PNUD os trinta e nove (39) com rendimentos altos acapararam nada menos que o 80% do Produto Bruto Mundial. O oitenta por cento do total de bens e serviços produzidos no mundo num ano para só o quinze por cento (15,22%) da população mundial. **Oitenta por cento dos rendimentos para o quinze por cento da população enriquecida polo capitalismo. Deixando só o vinte por cento dos rendimentos para o oitenta e cinco por cento da população empobrecida polo capitalismo.**

O qual significa que o capitalismo produziu um crescente "desfase" no consumo do excedente entre o 15% da população situada na capa mais alta e o 85 restante da população mundial.

É claro que para essa capa que supom entre o quinze por cento da população mundial é absurdo falar de fracasso do **capitalismo real**. Para eles o triunfo do **capitalismo real** estendido a praticamente todo o planeta, nom trouxe mais do que benefícios. Som os outros, o resto da população mundial, os que poderiam falar de fracasso do **capitalismo real**. Os que poderiam afirmar que é um fracasso como sistema porque provoca a miséria e generaliza a pobreza no mundo, adicionando que ademais está deteriorando/destruindo a vida no planeta. Dixerem que "poderiam". Porque umha imensa maioria desses prejudicados nom temhem acesso à informação necessária e está desorientada e alienada a respeito da sua realidade. Até o ponto de que celebra o triunfo do **capitalismo real** sem saber que celebra o triunfo de e para essa capa privilegiada do quinze por cento mundial. Um triunfo que implica necessariamente o empobrecimento da imensa maioria.

(Olho! Ainda que dentro das nossas naçõs, a minha basca e a vossa galega, padecemos a exploração capitalista e a pobreza que gera -os bascos temos hoje novecentos mil pobres, por embaixo do umbral da pobreza de 814 euros mensais, entre pouco mais de três milhões de habitantes- Galiza e Euskal Herria fam parte desse quinze por cento da população mundial composto polos países enriquecidos polo capitalismo)

É muito importante explicar por que há que falar de países enriquecidos e empobrecidos em vez de dizer países ricos e pobres.

5. Os países hoje pobres o som porque os hoje ricos se enriqueceram mediante o capitalismo empobrecendo-os a eles

É muito importante explicar por que há que falar de países enriquecidos e empobrecidos em vez de dizer países ricos e pobres. Porque **os países hoje pobres o som porque os hoje ricos se enriqueceram mediante o capitalismo empobrecendo-os a eles.**

Para ocultá-lo os jornais, os comentaristas, os políticos e os professores ao serviço do capitalismo chamam O NORTE aos países enriquecidos: Japom, Estados Unidos e os seus estados associados (Porto Rico e Israel), Canadá, os doze da Comunidade Europeia, os sete da EFTA, a URSS, a Alemanha do Leste, Checoslováquia e os países recentemente enriquecidos do Pacífico (Austrália, Nova Zelândia, Singapur, Hong-Kong, Taiwan e Coréia do Sul). Em 1988 havia cinco mil cento três milhões de pessoas na Terra. Deles algo menos da quarta parte (1.184 milhões, o 23% do total) nesses países enriquecidos, no NORTE. Esse 23% da população açambarcou em 1988 o 85% do Produto Bruto mundial (mais de quinze bilhões e meio de dólares: 15.659.590.000.000 \$). Enquanto, polo contrário, os habitantes dos países empobrecidos, os que chamam O SUL, que eram o resto e somavam 3.919 milhões de pessoas (o 77% do total mundial) malviviam com só o 15% do Produto Bruto mundial, com bastante menos de três bilhões de dólares (2.808.668.000.000 \$). **O 23% da população mundial que vivia no NORTE açambarcou em 1988 o 85% do Produto Bruto mundial enquanto o 77% que malviviam no SUL tinha que se repartir o 15% desse produto.**

Pois bem, em 1750 **as cousas eram ao revés**. O que se chama o SUL somava o 77% do produto mundial enquanto o que se chama o NORTE ficava com o 23%. E durante século e meio o SUL seguiu conseguindo mais parte do produto mundial do que o NORTE. **O "sorpasso", o adiantamento do SUL polo NORTE, só se produziu tam relativamente cerca como em 1900.**

Todos os dados fôrom calculados em **dólares** e em **preços dos Estados Unidos de 1960**, para que podam fazer-se comparaçõs de país a país e de ano a ano.

- 1750 o PNB do NORTE era de 35.000 milhões de dólares de 1960 frente a 120.000 milhões do PNB do SUL. O NORTE tinha o 23% e o SUL o 77% do PNB mundial.

- em 1860 o PNB do NORTE era de 115.000 milhões de dólares de 1960 frente a 165.000 milhões do SUL. O NORTE tinha o 41% e o SUL o 59% do PNB mundial.

Em 1900 o PNB do NORTE era de 290.000 milhões de dólares de 1960 frente a 188.000 milhões do SUL. O NORTE tinha já o 61% e o SUL o 39% do PNB mundial.

- em 1976, redondeando as cifras, o PNB do NORTE era de três bilhões (três milhões de milhões) de dólares frente a um bilhão do SUL. O Norte tinha o 75% e o SUL o 25% do PNB mundial.

Em 1800 América do Norte já superava a Europa ocidental com uma renda per capita de 266 dólares frente a 213. **Mas a China superava com 228 aos 213 da Europa ocidental!**. E se França tinha no período 1781-1790 uma renda per capita de 170 a 200 dólares a Índia tinha-a de 160 a 210 em 1800. O que sucedeu é que **depois**, precisamente **quando e porque** os países capitalistas subjugarão e dominarão e explorarão a Índia e a China, a China e a Índia empobrecerão. A China baixou já a 204 dólares de renda per capita em 1860 e a 170 em 1950. A Índia baixou em 1900 ao nível de 140 a 180.

De forma que não se trata só de que **antes o SUL fora mais rico do que o NORTE**. Nem sequer se trata só de que o **SUL se empobrecera enquanto o Norte se enriqueceu**. O importante é que **o NORTE se fijo rico porque empobreceu o SUL**.

O capitalismo fijo ricos os países do NORTE porque fijo pobres aos países do SUL. Os países hoje pobres são-no porque os hoje ricos se enriquecerão mediante o capitalismo empobrecendo-os a eles.

6. Quatro milhões e meio de anos de comunismo primitivo, dez mil anos de propriedade privada e 500 anos de capitalismo. Homini-zação, bipedação e comunismo primitivo

Farei uma brevíssima síntese do processo de hominização segundo os últimos resultados da investigação antropológica. Com ênfase na importância da bipedação e as suas consequências físicas e sociais. Para depois entrar no tema chave:

O COMUNISMO NASCEU COM A NOSSA ESPÉCIE E COM A SUA EXPLORAÇÃO SE REFUGIOU NA CLANDESTINIDADE. Frente a quem todos os dias proclamam aos quatro ventos como se fosse uma verdade evidente a falsidade de que o capitalismo é a forma NATURAL de viver e organizar-se socialmente, ocultando que tem só escassos quinhentos anos de existência, é preciso recordar que o que é verdadeiro é **a experiência global, referida à globalidade das formas de actuar, do comunismo primitivo vivido durante quatro milhões de anos (ou quatro milhões e meio) pelas espécies predecessoras do Homo sapiens sapiens à que pertencemos**.

Com o acréscimo de que inclusive a maioria da duração atingida pela nossa espécie **também a viveu em comunismo primitivo**. Que só começa a quebrar-se quando começa a primeira desgraça da Humanidade: a conversão das mulheres em propriedade privada e primeira forma do dinheiro. Quebra que implica uma lenta e longa evolução da sociedade sem classes à sociedade de classes. Longa e lenta evolução em que os modos de produção

comunitários coexistem no tempo com os primeiros cultivos de cereais e com a primeira pecuária, fazendo-o também com as emergentes sociedades de classes e o emergente modo de produção tributário.

O comunismo nasceu com a nossa espécie e com a sua exploração se refugiou na clandestinidade. E som só um punhado de milénios da vida da humanidade os que esta geme na exploração, padecendo a divisom em classes e só um punhado de séculos os vividos sob a renovada e intensificada exploração do capitalismo, frente a milhões de anos de comunismo primitivo vivido pola nossa espécie e as suas antecessoras. Por isso nom é de estranhar que suceda que **“o comunismo é um velho e permanente sonho da humanidade oprimida”**.

O passo do comunismo primitivo até a actual situação hegemónica do capitalismo se realizou através da sucessom de diferentes Modos de Produção. Deste conceito chave do marxismo tratamos na seguinte hora.

Segunda Parte (de 12,05 a 13 horas)

II. Modos de produção. Opacidade do capitalismo. Mercantilização. A maisvalia.

7. Umha ferramenta conceitual chave: Os Modos de Produção (tributário ou asiático, antigo ou escravista, feudal, burguês ou capitalista)

O conceito chave de Modo de Produção estava já começando a ser tratado tam cedo como em 1845 em outra obra genial, esta conjunta de Marx e Engels, *A Ideologia Alemá. Crítica da novíssima filosofia alemá*, representada por Feuerbach, B. Bauer e Stirner e do socialismo alemám representado polos seus diversos profetas. Escrita em alemám em Bruxelas entre 1845 e 1846.

Esta obra, importantíssima e fundamental, demoraria quase oitenta anos em ser publicada. E primeiro em russo. Parcialmente, o primeiro capítulo, em 1924 e depois completa em 1932. Há umha edição inglesa de 1965: *German ideology*, Londres, 1965. Em espanhol há umha uruguia de 1968: Marx-Engels, *La ideologia alemana*, Montevideo, Uruguai, Ediciones Pueblos Unidos, 1968 e umha espanhola de 1970: Marx, K, y Engels, F.: *La ideología alemana*, Grijalbo, Barcelona, 1970, com sucessivas reimpressons.

E o próprio *Manifesto Comunista* de Marx e Engels aparece em 1848 atravessado pola descrição de semelhanças e diferenças entre diferentes Modos de Produção. Mas a formulação mais madura e canónica do conceito de Modo de Produção a escreve Marx em alemám em Londres em Janeiro de 1859 ao redigir o seu prodigioso *Prólogo da Contribuição à crítica da Economia Política*.

Karl Marx: *Prólogo de la Contribución a la crítica de la Economía Política*. (Publicado no livro *Zur Kritik der politischen Oekonomie von Karl Marx, Erstes Heft*, Berlim, 1859. Em

espanhol em Obras escogidas Tomo I, páginas 516 a 520, Editorial Progreso, Moscú, 1981)

Marx fai nele um percurso autobiográfico para explicar "A *trajectoria dos meus estudos de Economia Política*" e depois afirma que:

"O resultado geral ao que cheguei e que, umha vez obtido, serviu de fio condutor aos meus estudos, pode resumir-se assim: na produção social da sua vida, os homens contraem determinadas relações necessárias e independentes da sua vontade, relações de produção, que correspondem a umha determinada fase de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. O conjunto destas relações de produção forma a estrutura económica da sociedade, a base real sobre a que se levanta a superestrutura jurídica e política e à que correspondem determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em general. Nom é a consciência do homem a que determina o seu ser, senom, polo contrário, o ser social é o que determina a sua consciência"

E depois "a grandes rasgos" enumera "o modo de produção asiático, o antigo, o feudal e o moderno burguês". Em realidade se trata de duas grandes categorias: a do Modo de Produção Tributário e a do Modo de Produção Capitalista. No primeiro a classe dominante extrai, arranca ou desapropria directamente os seus dominados e explorados umha parte do que estes produzem em forma de tributo (tanto em espécie como em dinheiro). No Modo de Produção Capitalista a classe dominante extrai, arranca ou desapropria também aos seus dominados ou explorados umha parte (ainda maior) do que estes produzem. Mas o fai de forma oculta como maistrabalho ou maisvalia e disfarçada como benefícios do Capital. O Modo de Produção antigo (ou escravista) é umha forma imperfeita de Modo Tributário no que os escravos som a força de produção para o mercado. O feudal é outra forma imperfeita de Modo Tributário surgida da dissolução do escravista. É característico que o Modo de Produção Capitalista só se desenvolveu a partir da sucessom de umha forma imperfeita do Modo Tributário (o feudal).

Em outro livro genial de Marx, os *Grundrisse*, elaborados em rascunho em alemám em 1857-1858, Marx trata de outros modos de produção precapitalistas, variantes do Modo de Produção Tributário com notáveis sobrevivências do comunismo primitivo.

Karl Marx: *ELEMENTOS FUNDAMENTALES PARA LA CRÍTICA DE LA ECONOMÍA POLÍTICA. Borrador 1857-1858*. Título original *Grundrisse der kritik de politische ökonomie (rohentwurf) 1857.1858*. Primeira publicação em 1939-1941 polo Instituto Marx-Engels-Lenine (IMEL) de Moscovo. DESAPERCIBIDA. Nova publicação em facsímile num só volume de Dietz Verlag em Berlim 1953. Perto 1970 edições francesa, italiana, russa e inglesa. A espanhola é de SIGLO XXI editores. Volum. 1 Mexico 1971. Vol 2 B. Aires 1972. Vol 3 B. Aires, México Madrid 1976.

O qual nos conduz a duas questons fundamentais do marxismo: a mercanti-

lização de todas as cousas no capitalismo e a maisvalia.

8. A característica opacidade do capitalismo. E a mercantilização de todas as cousas (a conversão dos valores de uso em valores de mudança) como motor criador e destino manifesto do capitalismo

Umha característica fundamental do Modo de Produção Capitalista é a sua opacidade e a sua capacidade para falsificar a História e a realidade. A sua capacidade para fabricar e implantar a ideologia, isto é **a falsa consciência necessária**. Necessária para o capitalista porque lhe facilita a exploração dos que explora. **Falsa consciência necessária** que inverte a realidade, que põe as pernas para cima e a cabeça para abaixo, que faz da noite dia, que converte em benéfico guardião o torturador, que define como imprescindível dador de trabalho o empresário capitalista que **sempre** vive de roubar trabalho aos seus empregados.

Essa opacidade do sistema capitalista, essa capacidade sua para mistificar, para fazer equívocas as cousas, para fazer que as cousas semelhem ser o que não são, é a causa de que **semelhe** que o capitalismo melhorou a situação dos trabalhadores enquanto se nos mente eficazmente que a miséria que realmente produziu e que quantificamos na Primeira Parte se explica porque se produziu ali onde não sabíamos fazer com que o capitalismo funcione.

No Modo de Produção Feudal a exploração é clara, diáfana e o explorado vê-a nitidamente com os seus próprios olhos: umha mesnada armada de soldados do senhor feudal irrompe na sua granja e se leva pela força (ou com a mera ameaça da força que a exibição das suas armas supõe) umha parte da colheita que é o fruto do seu trabalho de muitos meses. Dois terços, a metade, menos se tem sorte.

No Modo de Produção Capitalista há também umha exploração, um levar-se umha parte do fruto do trabalho do explorado. Só que esse "levar-se" está disfarçado, oculto. Porque no Modo de Produção Capitalista as cousas NÃO são o que parecem. E o que parece NÃO é o que sucede. A realidade aparece invertida aos olhos dos explorados (como na câmara obscura da máquina fotográfica escrevem Marx e Engels): a cabeça onde devem estar os pés, os pés onde deve estar a cabeça. Ao explorado capitalista lhe pagam um salário **que parece** que é o pagamento do fruto do seu trabalho. Mas que é a forma em que lhe roubam umha parte (a maior) do fruto do seu trabalho. O que sucede é que isso está tão disfarçado que há que esperar a que o génio do Marx o explique mediante o conceito chave do maisvalor e da maisvalia.

A opacidade, a falsificação da realidade que é o capitalismo conduziu-nos a essa alienação capitalista que é a mercantilização, isto é, o trânsito do valor de uso ao valor de troca. A conversão de todas as cousas (também das pessoas) em mercadorias. E a sua consequência o falso desenvolvimento pessoal e as relações entre pessoas como relações entre cousas. O dinheiro aparece personalizado, dotado de poderes mágicos: é um fetiche que dicta e

aterroriza como um ídolo. Mede-o todo, enriquece-o ou arruína. Os íntimos sentimentos se fazem moeda pública e fungível, e o poder de compra se converte na alma humana: é no bolso e na carteira onde reside já a “essência imortal”. O indivíduo se aliena e o colectivo se transforma num magma carente de consciência crítica.

Para que pensemos que esta monstruosidade que padecemos, o capitalismo, NOM é umha desgraça sobrevida senom algo **natural e necessário**, nos ocultam que só tem quinhentos anos e que supujo a condenação feroz e imisericorde da pugna mercantil, da luta a morte entre valores de troca. Os humanos nos convertemos entom em meras mercadorias. Desde entom temos um preço de compra. As nossas relações nom som em absoluto pessoais senom de mercado: é este o mediador entre nós como objetos à venda e o comprador. Já que carecemos de relações pessoais e que só somos objetos mercantis, carecemos também de capacidade para integrar-nos numha colectividade: a nossa individualização é absoluta pois só o dinheiro, esse fetiche todo-poderoso, nos relaciona alienadamente com o exterior. Já que somos mercadoria de carne e sangue, a colectividade é tam só o lugar de troca. O colectivo também desaparece pois ninguém ajuda a ninguém: a diferença dos lobos que som muito solidários entre si, os humanos alienados nos despedaçamos mutuamente como mercaderes sedentos de riqueza.

A mercantilização de todas as cousas (a conversão dos valores de uso em valores de troca) aparece-se-nos assim como motor criador e destino manifesto do capitalismo. É o decisivo capítulo 1. do Livro Primeiro do Capital, titulado A mercadoria, a chave com a que Marx abre a explicação científica de que é o capitalismo e de como funciona.

9. A maisvalia. O segredo do capitalismo. O sistemático roubo de trabalho aos trabalhadores desvelado pela explicação científica da exploração capitalista que Marx faz no Capital. Um exemplo basco

Foi Marx quem no *Capital* rompeu com a sua explicação científica da exploração capitalista o obscuro véu com o que os capitalistas e os seus intelectuais tinham tergiversado, falsificado e ocultado o mecanismo dessa exploração. Som chaves as secções segunda e terceira do Livro Primeiro (*A transformação do dinheiro em capital e Produção do maisvalor absoluto*).

No *Capital* há um fragmento (O caso da farinha de sagú, página 625 do volume 2) que exemplifica esplendidamente a extração de maisvalor, de maisvalia. Mas ides permitir-me que vos relate um exemplo basco, desenvolvido por mim no meu livro de 1994 *Negação vasca radical do capitalismo mundial*, cuja explicação além do mais foi chave para exprimir pola sua vez a estranha mania que lhes deu aos espanhóis há 175 anos de tentar fazer os bascos espanhóis pola força e que desencadeou quatro guerras desde entom (umha a de guerrilha urbana ainda aberta).

Um exemplo basco de como o empresário capitalista na vez de “dar

trabalho” o que fai é roubar trabalho: antes da derrota carlista na primeira guerra e das modificações dos foros bascos que essa derrota provocou, os terrenos onde havia mineral de ferro costumavam ser terrenos comunais ou do concelho e o seu usufruto era livre para os vizinhos. Assim passava por exemplo em Mutiloa, Guipúzcoa, onde as minas as trabalhavam os lavradores da vila que tinham direito indistinto a extrair mineral e vendê-lo e de tal forma os minerais, as veias de ferro, faziam-se propriedade particular do que se punha a trabalhá-los e enquanto continuasse esse trabalho. O mesmo passava com as minas de Irún e de Oyarzun. As mais tarde importantíssimas minas de Somorrostro em Vizcaya, com duas grandes massas de ferro no Monte Triano e em Matamoros, eram propriedade comunal das vilas e lugares da comarca das Encartaciones e só podiam desfrutá-las os seus naturais sem que entre eles houvesse distinção alguma, sendo todos eles livres de arrancar os minerais como lhes agradasse e de onde quisessem (sem prejudicar a outro vizinho) e sem que ninguém pudesse pedir-lhes nem tomar-lhes conta das suas operações.

É muito importante fixar-se bem neste facto decisivo: naquela situação social e jurídica qualquer vizinho podia ir a esses terrenos comunais e colher mineral de ferro. **O seu trabalho ao colhê-lo e transportá-lo até alguma das ferrarias bascas era o que dava valor a esses pedruscos que, sem arrancar, nom tinham nengum valor de uso nem de troca.** Esse vizinho se apropriava, ao vendê-los na ferraria, de todo o valor que o seu trabalho tinha produzido e incorporado a esses pedruscos. Assim era e funcionava a mineria do ferro precapitalista nesses montes.

Mas as cousas mudárom com a derrota dos carlistas. Entre as cousas que mudárom destacam as modificações que sofrêrom os foros. **E, por isso, se pudo exportar mineral de ferro, exportação antes proibida polo foro.** E, o que foi decisivo, a gente pudo comprar e apropriar-se dos terrenos comunais. Assim sucedeu, por exemplo, com uns riquíssimos jazigos de mineral de ferro dos montes de Triano que antes eram propriedade colectiva d@s vizinh@s da vila de Portugaleta que era proprietária de um pro indiviso sobre os montes de Triano. Porque a vila vendeu em 1858 a don Juan María de Ybarra os seus direitos a esse pro indiviso. (Por certo que o senhor Ybarra demonstrou a sua sagacidade ao pagar por eles a ridícula quantidade de 51.081 **reais** e conseguir ao longo dos anos seguintes milhons e milhons de **pesetas** das minas que se abrirom nesses montes).

Os trabalhadores continuaram tirando mineral de ferro, como antes, desses montes. E, como antes, o que dava valor a esses pedruscos era o seu trabalho ao arrincá-los e transportá-los para que se pudesse extrair o ferro que continham. **Mas esse trabalho fazia-se agora ao modo capitalista. Os trabalhadores nom se apropriavam de todo o valor que tinham adicionado aos pedruscos ao arrincá-los e transportá-los. Porque eles nom se apropriavam, como faziam antes, desses pedruscos e nom eram eles quem, como faziam antes, os vendiam e se apropriavam do preço que lhes pagavam por eles nas ferrarias.** Os pedruscos sem arrin-

car, ainda no terreno da mina, nom eram como antes propriedade comum de tod@s @s vizinh@s. Eram agora propriedade do empresário capitalista. E os pedruscos já arrincados e já transportados, ficava com eles o empresário capitalista que era quem os vendia e se apropriava do valor que os trabalhadores lhes tinham adicionado com o seu trabalho. **A eles o que agora lhes compravam era a sua força de trabalho.**

Que o empresário capitalista usava fazendo-lhes arrincar e mover pedruscos durante todas as horas da jornada laboral. Que eram muitas mais ao dia (doze) das que antes dedicavam ao assunto quando o faziam por conta própria (menos de quatro). Mas o que **o capitalista lhes pagava pela sua força de trabalho, que usava todas essas horas, recuperava-o com o valor acrescentado aos pedruscos arrincados e transportados nas primeiras horas (três horas e três quartos) de trabalho de cada dia.** O valor acrescentado aos pedruscos nas restantes oito horas e quarto de trabalho apropriava-se delas o empresário capitalista. Expropriava-lho aos seus trabalhadores. **Era a maisvalia que lhes arrincava.** O tempo de trabalho nom pago. O tempo de trabalho **roubado.**

(Devo indicar que os dados do exemplo reflectem quase exactamente o realmente sucedido na minaria biscainha. De 1876 a 1899 os empresários mineiros na Biscaia pagárom aos seus trabalhadores um total de 181 milhons de pesetas -das de entom, claro- em salários e lhes extraírom 585 milhons de pesetas de maisvalia (886 milhons de ingressos menos 301 milhons de gastos), 3,6 vezes os seus salários. A jornada laboral era de doze horas até que depois da greve geral de 1890 se fixou em dez horas ao dia)

O fantástico e rendabilíssimo jogo de maos, o truque magnífico, a fabulosa prestidigitagem do sistema capitalista (que o génio de Karl Marx conseguiu descobrir e denunciar) consiste precisamente em que o capital transforma a maisvalia em benefício. Essa transformação serve para conseguir a típica opacidade do sistema capitalista. Essa transformação **oculta, agacha, dissimula, fai opaca** a origem do benefício. A origem do benefício é a maisvalia. É o valor do trabalho nom pago mas realizado polo trabalhador e de cujo fruto se apropria (arrebata) o empresário. Mas a opacidade do sistema **fai aparecer as cousas como NOM som.** O capital é umha relação social, umha relação entre pessoas mediada por cousas, umha relação entre o trabalhador que vende a sua força de trabalho e o capitalista que lha compra e que em troca se apropria de todo o fruto do uso dessa força de trabalho. Isto é, de todo o valor que o trabalho para o que se usou essa força adicionou a aquilo sobre o que o capitalista quiço que se usasse. Mas esse capital, que é umha relação social, **semelha** ser umha cousa. E, além do mais, umha cousa que **semelha** que produciu valor. O benefício, que é a maisvalia roubada ao trabalhador, **parece** ser o justo pagamento da pretendida capacidade produtiva do capital. O salário, que é o preço pago pola força de trabalho, **semelha** ser o justo pagamento polo trabalho realizado.

Completarei agora o exemplo basco que acabo de contar com uns impres-

sionantes detalhes. La Real Sociedad Bascongada de los Amigos del País, foi constituída por um documento assinado por quinze cavaleiros de Azcoitia o 24 de dezembro de 1764, cujos estatutos fôrom aprovados polo rei Carlos III (o Borbón mais famoso do despotismo ilustrado) e depois (em 1770) elevada por ele à categoria de Academia e à condiçom de Real. Ali, desde 1782 a 1786 foi professor (e criador da sua Escola Metalúrgica) o notável químico e mineralogista Fausto de Elhuyar. E nos seus laboratórios Fausto e seu irmao Juan José, também químico e mineralogista, descobrirôrom e analisárom o único dos elementos químicos descoberto por algum súbdito da Coroa de Espanha: o wolframio. Mas do que agora quero falar nom é da Análise química do wolframio escrito polos dous irmaos em 1783, ainda que mencionei o assunto para calibrar a categoria e a importância científica desses dous homes. Senom de um estudo de Fausto, datado em 1788, titulado ***Estudo das minas de Somorrostro***.

Trata-se de um estudo fascinante. Quero chamar a atençom sobre o facto de que está datado oitenta e nove anos antes de que Marx publique O Capital. Isto é, oitenta e nove anos antes de que veja a luz o resultado do titânico esforço intelectual e científico que Marx tivo que fazer para descobrir o fetichismo da mercadoria e a armadilha capitalista que encobre a fonte da maisvalia sob o disfarce do benefício. O Estudo de Fausto de Elhuyar nom é um mero trabalho teórico. Fausto é um investigador químico, um científico com sucesso, um professor respeitado que completará a sua biografia unindo a sua condiçom de descobridor de um dos elementos químicos a de fundador de centros de ensino superior na Europa e em México, mas também um ilustrado pragmático, um guia para a implantaçom prática do capitalismo, um político capitalista (foi director geral de minas em México e ao seu regresso a Espanha ocupou a Direcçom Geral de Minas). E o seu ***Estudo das minas de Somorrostro é um impagável exemplo da, para eles, inadvertida e inocente desvergonha com a que impudicamente os capitalistas da época da Revoluçom Industrial afirmam que o aumento da exploraçom do homem polo homem é a condiçom necessária para o progresso.***

Veja-se: Fausto de Elhuyar analisa a forma precapitalista da minaria biscainho fundamentada nos foros e na propriedade comunal. Assinala que esse regime de propriedade facilitava que houvesse um grande número de escavaçoms com mui pouco aparelho técnico e com manifesta impossibilidade de conseguir grandes benefícios. Assinala que quando os usufrutuários (os vizinhos com direito a aproveitar o terreno comunal) contratavam assalariados para ajudar-lhes na extracçom nom conseguiam elevar os seus ganhos de forma notável. Di expressamente que:

"é mui pouca ou nengumha a distinçom que há entre os proprietários e jornaleiros quanto ao benefício que tiram destes trabalhos, e nom há exemplar que tenha feito algum volume nestas empresas".

Ninguém se fazia, pois, rico com esta forma de exploraçom comunal das minas de ferro. Fausto explica muito bem que isso sucede porque o sistema fo-

ral basco dificulta a eficiente exploração capitalista do homem polo homem. Nom o di assim, claro. **Mas isso é exactamente o que di quando explica que estes:**

"defeitos provem da constituição mesma do corpo de minaria daquele país, e é impraticável qualquer remédio enquanto se mantiver esta no mau estado em que se acha. A liberdade com que qualquer encartado (isto é, aclaro eu, qualquer vizinho da comarca basca das Encartaciones que, por sê-lo, é comunalmente proprietário desses terrenos com mineral de ferro) fai-se dono de umha mina, e a facilidade com que a lavra pola abundância e disposição do mineral, é a origem destas desordens e da miséria do País, pois achando a ociosidade umha isca prodigiosa neste estado, que com quatro horas de trabalho proporciona aos obreiros um salário que mal conseguiriam em outro com o dobro, os naturais do País se entregam a ele, abandonando o cultivo dos seus campos, que olham com desprezo, e deste modo se constituem folgazáns de profissom".

O nosso Fausto tem clara qual é a solução de tam **indesejada e desordenado** estado de cousas. É, claro está, a solução capitalista. Que passa por eliminar a **viciosa** propriedade comunal substituindo-a pola virtuosa propriedade privada. E por eliminar a **vicioso** facto de gostar de folgar do pessoal obrigando-o a trabalhar mais horas sem que haja necessidade de pagar-lhes mais (por que teria de pagar-se mais, pensa o nosso Fausto, se está claro que com o que agora ganham vivem?). Por suposto que ele nom o di assim. Mas o di. Vaia se o di!. Di que o remédio é:

"que se estabeleça um corpo, que, tomando em propriedade estas minas, disponha com ordem os labores como a economia por meio de directores hábeis".

Nom se lhe escapa a Fausto que isso poderia encarecer o preço do mineral porque os directores e administradores hábeis custam caros. Mas sabe, e o explica, que esses custos compensam. Como lhes compensárom há uns anos a General Motors ou à Volkswagen os custos (um milhom e meio de pesetas ao dia) do contrato desse hábil diretor e administrador basco que disputárom e que chamárom "Superlópez" (López de Arriortúa). Compensam porque o mesmo que esse "Superlópez" os directores e administradores que tem em mente Fausto de Elhuyar conseguem aumentar os benefícios dos capitalistas da mesma infalível maneira: explorando mais e melhor os trabalhadores, conseguindo que fagam mais trabalho polo mesmo ou menos preço.

Efetivamente. Fausto explica que, pese aos novos gastos que suporiam esses "directores hábeis", "ficariam ainda sobrantes". Sempre que se sigam as suas recomendações. A primeira das quais consiste:

"em que aos obreiros, que agora só trabalham quatro horas ao dia, se lhes ficesse trabalhar o dobro, sem aumentar o salário, portanto, ao mesmo custo poderia arrancar-se o duplo mineral que agora, ou

com a metade dos salários e operári@s a mesma quantidade que ao presente”.

Nom sabe um de que admirar-se mais. Se da nitidez e a claridade com a que se demonstra o rendível que pode ser apropriar-se de maisvalia obrigando a realizar um maistrabalho, um trabalho nom pago. Ou da impúdica desvergonha com a que se defende o aumento da exploraçom do homem polo homem como umha medida exigida polo progresso e pola ciência. Ou do facto de que essa proposta escrita em 1778 prefigure tam exactamente o mecanismo que sessenta anos depois desencadeou a desamortizaçom dos bens comunais, graças à modificaçom dos foros fruto da derrota carlista na primeira guerra, e que trouxe consigo o roubo da sua riqueza ao povo basco, o aumento da exploraçom da mao de obra assalariada, o **desenvolvimento** do capitalismo industrial em Euskal Herria Sul e o enriquecimento da burguesia que se converterá em basco-espanholista e peça chave do bloco de classes dominante espanhol.

(As citaçons da obra de Fausto Elhuyar estám tomadas de um trabalho do professor Emiliano Fernández de Pinedo titulado *El campesino parcelario vasco en el feudalismo desarrollado* (s. XV-XVIII), publicado en SAIOAK, Revista de Estudos Vascos, nº 1 do Ano I, 1977, páginas 136-147. Aponte-se ao professor Fernández de Pinedo o grande mérito de chamar a atençom sobre texto tam importante e significativo.)

Terceira hora (de 13,05 a 14 horas)

III. Classes e luta de classes. As naçons e o seu direito à autodeterminaçom. A violência d@s oprimid@s e explorad@s é sempre legítima. Um olhar final muito rápido à elaboraçom e ao núcleo do marxismo

10. Da pré-história (sociedade sem classes e sem Estado) ao comunismo futuro (sociedade sem classes e sem Estado) passando pela História de todas as sociedades até os nossos dias que é a História das luitas de classes

O *Manifesto do Partido Comunista*, que todo o mundo conhece simplesmente como o *Manifesto Comunista* foi escrito por Karl Marx e Friedrich Engels em alemám entre Dezembro 1847 e Janeiro 1848. Foi publicado pola primeira vez em Fevereiro de 1848 em Londres em folheto aparte. O seu Título original *Manifest der Kommunistischen Partei*. NENGUM outro texto afectou já e afectará no futuro como este à vida de milhares de milhons de seres humanos.

Começa assim: "A história de todas as sociedades que existírom até os nossos dias tem sido a história da luta de classes.

Homem livre e escravo, patricio e plebeu, barom e servo, mestres e oficiais, numha palavra, opressores e oprimidos em constante oposiçom, tenhem vivido numha guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; umha guerra que terminou sempre com a transformaçom revolucionária de toda a sociedade, ou com a destruiçom das classes em luta.

Nas anteriores épocas históricas, verificamos, quase por toda a parte umha divisom da sociedade em classes distintas, umha escala graduada de condições sociais. Na Roma antiga achamos patrícios, cavaleiros, plebeus e escravos; na Idade Média, senhores feudais, vassallos, mestres, oficiais e servos, e, além do mais, em quase todas estas classes ainda encontramos gradações especiais.

A moderna sociedade burguesa, que saiu de entre as ruínas da sociedade feudal, nom aboliu as contradicções de classe. Unicamente substituiu as velhas classes, as velhas condições de opressom, as velhas formas de luta por outras novas.

A nossa época, a época da burguesia, distingue-se, no entanto, por ter simplificado as contradicções de classe. Toda a sociedade vai dividindo-se, cada vez mais, em dous grandes campos inimigos, em duas grandes classes, que se enfrentam directamente: a burguesia e o proletariado”

Quatro anos depois do Manifesto Karl MARX na sua carta a Joseph WEYDEMEYER, datada em Londres, a 5 de março de 1852, esclarece que: *“Polo que a mim se refere, nom me cabe o mérito de ter descoberto a existência das classes na sociedade moderna nem a luta entre elas. Muito antes que eu, alguns historiadores burgueses tinham exposto já o desenvolvimento histórico desta luta de classes e alguns economistas burgueses a anatomia económica destas. O que eu achei de novo foi demonstrar: 1) que a existência das classes só vai unida a determinadas fases históricas de desenvolvimento da produção; 2) que a luta de classes conduz, necessariamente, à ditadura do proletariado; 3) que esta mesma ditadura nom é de por si mais do que o trânsito para a abolição de todas as classes e para umha sociedade sem classes”*

Esse mesmo ano de 1852 se publicou em Nova Iorque, como primeiro número da revista DIE REVOLUTION um livro genial de Karl Marx, escrito em alemám entre Dezembro de 1851 e Março de 1852: *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*.

Karl Marx: *El 18 Brumario de Luis Bonaparte*, Ediciones Ariel, Esplugas de Llobregat (Brna.), 1971 (é a 2ª edição, a primeira é de 1968). 171 páginas. Há umha edição de 1985 de Editorial SARPE, Madrid. Numha Biblioteca de Historia vendida em quiosques. Nas Obras escolhidas de Marx e Engels Tomo I de Editorial Progreso de Moscovo está nas páginas 404-498.

É umha obra GENIAL. Um exemplo básico de materialismo histórico, de análise dialéctica de um processo concreto de luta de classes numha formação social concreta num momento histórico concreto. Contém umha excelente definição de **classe social** (*“Na medida em que milhons de famílias vivem sob condições econômicas de existência que as distinguem polo seu modo de viver, os seus interesses e a sua cultura de outras classes e as oponhem a estas de um modo hostil, aquelas formam umha classe”*).

Em outra obra genial, esta conjunta de Marx e Engels, *A ideologia alemã*, à que já me referim antes, afirma-se que: "*Para nós, o comunismo nom é um estado que deve implantar-se, um ideal ao que tem de sujeitar-se a realidade. Nós chamamos comunismo ao movimento real que anula e supera ao estado de cousas actual.*"

Nesta obra escrevem que: "*As ideias da classe dominante som as ideias dominantes em cada época; ou, dito em outros termos, a classe que exerce o poder material dominante na sociedade é, ao mesmo tempo, o seu poder espiritual dominante. A classe que tem a sua disposiçom os meios para a produçom material dispom com isso, ao mesmo tempo, dos meios para a produçom espiritual, o que provoca que se lhe submetam, ao próprio tempo, por termo meio, as idéias de quem carecem dos meios necessários para produzir espiritualmente. As ideias dominantes nom som outra cousa que a expressom ideal das relaçons materiais dominantes, as mesmas relaçons materiais dominantes concebidas como ideias; por tanto, as relaçons que fam de umha determinada classe a classe dominante, ou seja, as ideias da sua dominaçom.*"

A luta de classes e o seu estudo constituem um dos fundamentos chave do marxismo. A luta de classes é decisiva para acelerar ou atrasar o processo de desenvolvimento do capitalismo e para acelerar ou atrasar a possibilidade da sua extinçom. Um dos mais perniciosos desvios do marxismo foi o "economicista" que de forma suicida tem minusvalorado o decisivo papel da luta de classes. Como escreveu o meu camarada de Batasuna e da REDE BASCA VERMELHA Iñaki Gil de San Vicente:

"O mérito do comunismo, e em especial de Marx mas também de muitos revolucionários posteriores, é que soubo, por um lado, sintetizar o essencial das contribuiçons anteriores (das massas oprimidas inclusive precapitalistas; das inovaçons teóricas dos economistas burgueses clássicos; das inovaçons teóricas dos políticos franceses; das inovaçons filosóficas dos alemães e das inovaçons éticas dos socialistas utópicos) e, por outro, ligar essa síntese numha teoria da evoluçom humana -o materialismo histórico- qualitativamente superior à que pudo elaborar a burguesia com todos os seus instrumentos teóricos, universitários, intelectuais, etc. Para o comunista o materialismo histórico é como para o marinho a ciência da navegaçom. Ambas se demonstrárom na prática e os erros cometidos nos obrigam a melhoras e avanços. Comparando esta evoluçom com a das teorias burguesas, a superioridade do materialismo histórico é inegável, ainda que isso nom lhe exima da autocrítica permanente. Foi e é tam terminante a sua superioridade que o capitalismo para freá-lo só tivo o criminal recurso da brutalidade militar para derrotar ao comunismo em alguns lugares, para asfixiá-lo em outros e para atemorizar e alienar tanto às classes oprimidas para que o resto dos seus avanços sejam sempre lutando contra a ameaça e a chantagem, quando nom contra a repressom, a tortura e assassinato. É que, neste decisivo assunto da prática humana, os resultados que

validam ou negam as teorias antagónicas nom se obtêm depois de exaustivos exames neutrais realizados por sesudos sábios, senom no campo de batalha da luta de classes. Desde esta constância histórica que podem dizer contra o marxismo, contra o materialismo histórico, as diferentes teorias sociológicas, económicas, filosóficas e éticas burguesas que só se dedicárom a defender os interesses das suas classes dominantes, que som as que pagam os enormes salários dos seus intelectuais?"

11. As classes e as nações e o seu direito à autodeterminação. Um problema de incandescente actualidade para os marxistas no mundo e no Estado espanhol

Nom passa hoje um dia sem que na imprensa mundial apareça o problema das nações e o seu direito à autodeterminação. Inclusive na Europa que em 1975 proclamava que seriam petrificadas as suas fronteiras os últimos 30 anos virom como mais de umha dezena de nações recuperavam a sua independência e a sua soberania estatal. Fai uns meses Montenegro recuperava a sua independência. Hoje falamos da iminete independência de Kosovo. Mas para além disso e ao mesmo tempo a actual onda ofensiva de um capitalismo decadente que luta desesperadamente por sobreviver no meio da sua crise terminal pretende arrasar as nações, uniformizar todos os seres humanos convertendo-os de Homo sapiens nationalis em Homo Coca Colensis para explorá-los melhor. A vossa nação, como todas as do planeta, está em perigo de ser arrasada e desaparacer nesse magma indiferenciado e uniformizado que o capitalismo luta por criar. Condição necessária mas nom suficiente para sobreviver como nação é contar com um estado próprio. A independência da Galiza nom é umha aspiração. É hoje umha necessidade. Como o é para os bascos a independência de Euskal Herria e para os cataláns a dos Países Cataláns.

O problema das nações e a sua relação com as classes sociais tem estado presente no marxismo desde as suas primeiras horas. E essa presença coincidiu com outra constante: que com demasiada triste frequência houve comunistas de nações opressoras de outras que fôrom antes nacionalistas opressores que comunistas. E tergiversárom inclusive os textos mais claros de Marx e Engels ao respeito.

Por exemplo, demasiadas vezes citárom injustamente o Manifesto Comunista. Mutilando o seu texto e magnificando umhas frases que efectivamente figuram nele: "*Acusa-se também aos comunistas de querer abolir a pátria, a nacionalidade. Os obreiros nom têm pátria. Nom se lhes pode arrebatá o que nom possuem.*" Essas últimas catorze palavras foram repetidas milhons de vezes. Ocultando que, imediatamente detrás Marx e Engels escrevêrom que: "*Mas, por enquanto, o proletariado deve em primeiro lugar conquistar o poder político, elevar-se na condição de classe nacional, constituir-se em nação, ainda é nacional, ainda que de jeito nenhum no sentido burguês.*"

E que páginas antes no mesmo *Manifesto* Marx e Engels tinham afirmado que: *"a luta do proletariado contra a burguesia é primeiramente umha luta nacional. É natural que o proletariado de cada país deve acabar em primeiro lugar com sua própria burguesia."*

Foi Lenine, primeiro teoricamente e depois na prática desencadeando com a política da URSS umha luta mundial (que tivo um imenso sucesso) contra o colonialismo e a favor do Direito de Autodeterminação, quem fixou com detalhe a posição do marxismo frente ao problema nacional. Aí está o seu crucial livro *O Direito das nações à autodeterminação*. Escrito em russo no exílio entre Fevereiro e Maio de 1914. Publicado de Abril a Junho de 1914 nos números 4, 5, 6 da revista PROSVESCHENIE -revista mensal teórica, político-social e literária publicada legalmente polos bolcheviques em Petersburgo desde Dezembro 1911 a Junho 1914. Assinado V. Ilín.

Em V.I. Lenin: *Obras escogidas* em três tomos. Editorial Progreso. Moscú. 1981. tomo I páginas 603-657. E em V.I. Lenin *Obras completas* tomo 25 páginas 271-340. Editorial Progreso, Moscovo 1984. Também há edição espanhola de AKAL.

Lenine define assim: *"por autodeterminação das nações se entende a sua separação estatal das colectividades de nacionalidade estranha, isto é, a formação de um estado nacional independente."*

E pom ênfase em que: *"Se nos di: apoiando o direito à separação, apoiáis o nacionalismo burguês das nações oprimidas.... Nós respondemos: nom..... Quanto a burguesia de umha nação oprimida luta contra a opressora, nós estamos sempre, em todos os casos e com mais decisom do que ninguém, a favor, já que somos os inimigos mais audazes e conseqüentes da opressom. Quanto a burguesia da nação oprimida está polo seu nacionalismo burguês nós estamos na contramão. Luta contra os privilégios e violências da nação opressora e nenguma tolerância com respeito à tendência da nação oprimida para os privilégios. Se nom propugnamos nem levamos à prática na agitação a consigna do direito à separação, favorecemos nom só à burguesia, senom aos feudais e ao absolutismo da nação **opressora**..... Em todo o nacionalismo burguês de umha nação oprimida há um conteúdo democrático general contra a opressom, e a este conteúdo **lhe prestamos um apoio incondicional**, apartando rigorosamente a tendência ao exclusivismo nacional, lutando contra a tendência do burguês polaco a oprimir ao hebreu, etc. etc..... Tomemos o posicionamento da nação opressora. **Pode talvez ser livre um povo que oprime a outros povos?** **Nom.** Os interesses da liberdade da população de russos exigem que se luite contra tal opressom. A longa história, a secular história de repressom dos movimentos das nações oprimidas, a propaganda sistemática desta repressom por parte das classes "altas", criárom enormes obstáculos à causa da liberdade do mesmo povo russo"*

Por suposto Lenine NOM corrige, neste crucial tema, Marx nem Engels. Polo contrário, o seu livro cita, glosa e fai ênfase multídom de textos e de comportamentos de Marx e Engels a favor do Direito de Autodeterminação das

nações. Cita, por exemplo umha carta de Marx a Engels, do 30 de Novembro de 1867: *"O que devemos aconselhar aos operários **ingleses**? Ao meu modo de ver, **devem fazer do Repeal (ruptura) da uniom" (da Irlanda com a Inglaterra, isto é, da separaçom da Irlanda da Inglaterra) "um ponto do seu programa; em breves palavras, a reivindicaçom de 1783, só que democratizada e adaptada às condiçons actuais. Esta é a única forma legal da emancipaçom da Irlanda e, por isso, a única forma que pode aceitar-se no programa de um partido inglês"***.

Lenine conta também que o 10 de Dezembro de 1869, Marx escreve que *"o interesse absoluto e direto da classe obreira inglesa exige a ruptura de sua actual uniom com a Irlanda. A classe operária inglesa nom poderá fazer nada, enquanto nom se desembarace da Irlanda... **A reacçom inglesa, na Inglaterra, tem as suas raízes na escravizaçom da Irlanda"***

Lenine adiciona no seu livro que Marx exclama: *"**Que desgraça é para um povo o ter subjugado outro. A classe operária da Inglaterra nom poderá libertar-se, no entanto a Irlanda nom se liberte do jugo inglês. A escravizaçom da Irlanda fortalece e nutre a reacçom na Inglaterra"**. E adiciona ele entre parêntese (**igual como nutre a reacçom na Rússia a escravizaçom de umha série de naçons!**).*

Lenine completa o parágrafo recordando que *"Marx, ao fazer aprovar na Internacional umha resoluçom de simpatia para "a naçom irlandesa", para "o povo irlandês", propugna a separaçom da Irlanda da Inglaterra"*

Noutra passagem do seu livro Lenine afirma rotundamente que *"**o direito à separaçom supom que o problema se resolve precisamente nom polo parlamento central, senom unicamente polo parlamento (Dieta, referendo, etc.) da regiom que se separa"***

Traduzido ao Estado espanhol: unicamente o Parlamento galego e o povo galego em referendo será que resolvam com seu o voto a independência da Galiza do Estado espanhol.

O independentismo comunista e internacionalista assume a existência de umha só espécie humana na que nom existem diferenças de inteligência e aptidons básicas impostas geneticamente. Isso nom quer dizer que advogue polo uniformismo cultural, pola existência de umha única língua mundial. Desgraçadamente diversas esquerdas -socialistas utópicos, anarquistas e estalinistas- sim defendêrom teoricamente **esse critério uniformador. O Capital quer impô-lo na prática e a evoluçom mundializadora da economia pressiona nesse sentido**. No entanto, umha concepçom independentista reivindica justo o contrário: **a riqueza da humanidade radica na sua diversidade cultural e nasua contribuiçom mútua**. Aqui devemos recorrer, como tantas outras vezes, a teses ecologistas -a biodiversidade- aplicadas à sociedade humana: a diversidade cultural. De facto, umha vez mais, **este é o critério de fundo dos clássicos marxistas: o livre desenvolvimento de**

cada pessoa e/ou colectivo é o requisito do desenvolvimento livre da comunidade no seu conjunto. Voltamos assim ao sentido e significado do comunismo mas nom de maneira abstrata senom prática: talvez nom é enriquecer a humanidade o aumento de euskaldunes ou de galego-falantes?.

12. Frente à curiosa apariçom actual de comunistas cristaos e pacíficos, para os marxistas a violência dos oprimidos e explorados é sempre legítima e necessária

Resta-me enunciar agora quatro teses, (porque nom som “teorias” senom TESES, isto é formulaçons de FACTOS DEMONSTRADOS):

1º O facto da mortífera crise actual da Humanidade toda em general e das nossas naçons sem Estado (a minha, Euskal Herria e a vossa, Galiza) em particular.

2º O facto de que a causa de ambas é o capitalismo.

3º O facto de que a única saída viável é a destruiçom do capitalismo e a marcha para o comunismo.

4º O facto de que essa destruiçom tem de se fazer pola violência e de que a teoria pode converter-se na força material necessária para exercê-la.

Esta apologia da violência legítima d@s oprimid@s e explorad@s aparece já em 1848 no mais famoso dos textos de Marx e Engels. No último parágrafo do Manifesto comunista que reza assim: "*Os comunistas consideram indigno ocultar as suas ideias e propósitos. Proclamam abertamente que os seus objectivos só podem ser atingidos derrocando pola violência toda a ordem social existente. Que as classes dominantes tremam ante umha Revoluçom Comunista! Os proletários nada temem a perder a nom ser as suas cadeias. Têm um mundo a ganhar.*

PROLETÁRIOS DE TODOS OS PAÍSES, UNIDE-VOS!"

Essa afirmaçom sobre a violência baseia-se na evidência empírica. Nom há UM SÓ CASO em todo o planeta e nos milhares de anos de História conhecida no que umha classe dominante tenha deixado de explorar e dominar “por bem”. Em todos os casos nos que o fixo foi forçada pola violência, que SEMPRE é justa e legítima, d@s dominad@s e explorad@s.

Há umha muito interessante afirmaçom anterior de Marx em 1844 na *Contribuiçom à crítica da filosofia do Direito de Hegel*, publicada nos ANAIS FRANCO-ALEMÁNS, que também é umha justificaçom da validez de Seminários como este:

"Evidentemente, a arma da crítica nom pode substituir à crítica das armas. A força material tem de se derrocar mediante a força material. Mas também a teoria se converte em poder material tam cedo como se apodera de (convencer a) as massas. E a teoria é capaz de convencer às massas quando argumenta e demonstra ad hominem, e argumenta e de-

monstra ad hominem quando se fai radical. Ser radical é atacar o problema pola raiz. E a raiz para o home é o home mesmo. A prova evidente do radicalismo da teoria....e , portanto, da sua energia prática consiste em saber partir da decidida superaçom positivista da religiom. A crítica da religiom desemboca na doutrina de que o homem é a essência suprema para o homem e, portanto, no imperativo categórico de invertir todas as relaçosns em que o homem seja um ser humilhado, escravizado, desamparado, desprezável...”

13. Um olhar final muito rápido à elaboração e ao núcleo do marxismo

Repito que é absolutamente impossível tratar suficientemente um tema como o dos fundamentos do marxismo numha sessom de três horas. Depois de ter levado a cabo a estratégia que escolhim: centrar-me com algum detalhe em quatro questons chave, ressumo agora, num olhar muito rápido, a elaboração e o núcleo do marxismo.

Ainda que Carlos Marx e Frederico Engels, e tantos outros e outras, som chaves no **comunismo, este, quanto movimento revolucionário que nasce das contradicçõs objectivas do modo de produçom capitalista, é mais do que esses indivíduos**. Os próprios Marx e Engels dixérom no seu Manifesto Comunista (1848) que: *"As teses teóricas dos comunistas nom se baseiam em modo algum em ideias e princípios inventados ou descobertos por tal ou qual reformador do mundo.*

Nom som senom a expressom de conjunto das condiçõs reais de umha luta de classes existente, de um movimento histórico que se está desenvolvendo ante os nossos olhos"

O núcleo do marxismo, elaborado por Marx e Engels, nom se constituiu de umha única vez, como umha espécie de inspiraçom divina, mas depois de um longo processo de formaçom inicial, um período de síntese e umha ultima fase de enriquecimento e melhora. Inicialmente Marx e Engels aprendêrom:

Em **primeiro** lugar e antes que nada, da luta de classes real, prática, das greves e dos conflitos sociais que estavam endurecendo-se desde o ultimo terço do século XVIII em Gram-Bretanha e posteriormente em toda a Europa.

Em **segundo** lugar, do estudo critico da dialéctica hegeliana e do grosso da filosofia alemá, a mais desenvolvida da sua época.

Em **terceiro** lugar, da practica política clandestina mantida durante longos anos e do exílio sofrido posteriormente.

Em **quarto** lugar, do estudo sistemático da economia política inglesa, a mais desenvolvida da sua época.

Em **quinto** lugar, do estudo do socialismo político francês, o mais desenvolvido da sua época. E das inovaçõs éticas dos socialistas utópicos

Em **sexto** lugar, do estudo analítico das grandes massas de estatísticas, estudos e investigações oficiais do Parlamento e dos governos britânicos sobre a realidade social do capitalismo mais desenvolvido do momento.

Em **séptimo** e último lugar, do estudo dos avanços mais recentes na etnografia do momento.

Ao longo da vida de Marx e Engels (Marx nasceu em 1818 e morreu em 1883, Engels nasceu em 1820 e morreu em 1895) o marxismo em formação seguiu ao milímetro os avanços científicos de todo o signo; do mesmo modo defendeu o mais radical do feminismo operário e popular, como a obra de Flora Tristán; também estudáram as cada vez mais alarmantes notícias a respeito das primeiras consequências da intervenção humana e do capitalismo contra a Natureza.

Há que sublinhar que Marx ainda tendo criado um plano de seis livros sobre O Capital somente pudo editar pessoalmente o primeiro, e Engels os dois seguintes, ficando outros três sem começar. Mas ambos amigos deixáram abundantes e volumosas anotações, algumas das quais se publicáram muito recentemente e outras continuam sem conhecer-se. De todos os jeitos, questões fundamentais como a ética e a estética emergem periodicamente nas suas obras como pontas que sobressaem acima do mar, porque na realidade estão maciçamente presentes no interior das obras, sob a sua linha de flotação, como os icebergs.

Podemos dizer, portanto, que **o marxismo apareceu como a síntese do melhor do pensamento humano ocidental**. Síntese realizada depois de minuciosas e prolongadas leituras e estudos analíticos de ditas correntes, submetendo-as ao contraste com os factos sociais e às comparações entre todas elas.

Como resultado, surgiu umha nova forma de intervenção na história humana que bem cedo definiu umhas diferenças qualitativas insalváveis para e irreconciliáveis com a forma burguesa de interpretar a realidade tal qual esta aparece a simples vista.

As diferenças som estas:

umha, a crítica da economia política burguesa baseada na exploração, no máximo benefício e na irracionalidade do mercado. Crítica marxista centrada na teoria da maisvalia, na lei do valor trabalho, na lei da queda tendencial da taxa de benefício e na mundialização e concentração de capitais;

dous, a crítica da teoria burguesa do Estado e da democracia capitalista, centrada no materialismo histórico (lei da produtividade do trabalho); nas classes e a luta de classes; na função do Estado (teoria do Estado em auto-extinção); na violência contra a democracia (a necessidade transitória da

ditadura do proletariado) e na necessidade de acabar com o mercado e a produção de valor para assegurar o triunfo do comunismo;

três, a crítica da metafísica e do idealismo, em qualquer das suas formas de expressões, realizada desde a dialética e o materialismo. A teoria filosófica marxista centrada na dialética em quatro campos: unidade e luta de contrários; mudanças qualitativas; negação da negação e totalidade concreta.

e **quatro**, a crítica da ética capitalista realizada desde a prática ética do movimento revolucionário, que anuncia a futura ética socialista e aponta alguns aspectos cruciais da ética comunista. A prática, a ação prática e teórica como eixo de transformação e de aprendizagem. Definição dialética do conceito "lei" como campo de intervenção e por tanto de derrota e fracasso.

Os quatro pontos característicos do marxismo formam o núcleo de um método geral de interpretação científico-crítica, o materialismo histórico e dialético, da realidade considerada como uma totalidade em permanente movimento contraditório.

Este método é capaz de integrar, absorver e incluir, enriquecendo-se com isso a si próprio, o melhor de todas as correntes teóricas posteriores, depois de tê-las depurado na medida do possível dos seus conteúdos reaccionários, mas em bastantes casos não é possível; e sobretudo é capaz de explicar mediante a integração na sua teoria central as razões históricas de lutas sociais aparecidas posteriormente ao marxismo, ou que cobraram importância mais tarde. Assim, por exemplo, as reivindicações antipatriarcais, as lutas de liberdade étnica e nacional, as lutas ecologistas, as novas frações e componentes das classes trabalhadoras, os chamados novos movimentos sociais, a antipsiquiatria e muitos componentes da psicanálise, as inovações das ciências e as críticas ao poder tecnocientífico burguês, e um longo etcétera, encontram a sua razão de existência nas teses básicas do materialismo histórico.

Justo de la Cueva

Ettxarri-Aranatz, Nafarroa, Euskal Herria. 12 Junho 2007

Correntes do marxismo no século XX

Tópicos

Vou falar de cinco grandes correntes, a que chamo, para simplificar: social-democracia, bolchevismo, stalinismo, revisionismo e maoísmo. Farei ainda referência ao conselhismo e ao trotskismo.

1. Social-Democracia (Até 1914)

Acumulação inicial de forças do movimento operário, sobretudo na Europa. Surgem grandes partidos, que se lançam no trabalho sindical, cooperativas, jornais operários, entram no parlamento. Afirma-se a tendência reformista: Bernstein. Em vários países os sectores mais combativos do proletariado seguem o anarco-sindicalismo e não o marxismo.

Ao desencadear-se a primeira guerra imperialista (1914), os grandes partidos social-democratas alinham com a sua própria burguesia. A seguir esmagam a revolução operária alemã de 1918 e a revolução na Hungria, atacam a União Soviética, defendem expedições coloniais, etc.

2. Bolchevismo (1917-1928)

Já existia desde 1903 mas torna-se uma corrente internacional com a revolução dos soviets na Rússia (1917). Revolução russa foi o maior terremoto social da história moderna ao provar que a burguesia pode ser derrubada e expropriada e que se pode criar uma República dos trabalhadores. A Rússia dos soviets sobrevive a uma guerra civil catastrófica, derrota os invasores imperialistas, ao mesmo tempo que faz reformas sociais avançadas, proclama a emancipação da mulher, produz uma arte e uma literatura de vanguarda.

À imagem do partido Bolchevique formam-se dezenas de partidos comunistas, não só na Europa, mas nos países atrasados e coloniais. O movimento marxista é pela primeira vez verdadeiramente mundial. Para os partidos comunistas vem o melhor da base social-democrata e anarco-sindicalista. É a idade de ouro do marxismo.

Ideias novas popularizadas pelo bolchevismo: **ditadura do proletariado, internacionalismo proletário**. Necessidade de um partido de combate para a revolução. O poder tem que ser tomado pela força revolucionária. Os aliados internos do proletariado são os camponeses e os pobres das cidades, não a burguesia democrática. Os aliados externos são os povos oprimidos e coloniais.

3. Stalinismo (1928-1956)

Em meados dos anos 20, o movimento comunista tem três metas: construir o socialismo na União Soviética, reforçar o movimento operário nos países capitalistas e acelerar a libertação das colónias. Vai tentar realizá-las enfren-

tando duas grandes ondas imperialistas, a nazi e a americana, tendo no meio umha nova guerra mundial.

Staline consegue êxitos espectaculares na criação de umha grande indústria, agricultura moderna, ciência, defesa, saúde, educação. Mas numha situação de emergência, interna e externa.

O poder inicial dos soviets degenera num poder autocrático. Não há democracia operária, nem liberdade de criação, nem legalidade. Instala-se no partido um clima de medo. Os processos de Moscovo e o Gulag som um dos maiores golpes sofridos pelo movimento comunista. Pode-se falar de socialismo nestas condições?

Os PC queriam repetir a revolução russa mas as condições dos seus países eram muito diferentes. Som pequenos e inexperientes. Em breve a União Soviética, através da Internacional, passa a dirigir a sua linha política e a controlar a sua direcção. Em meados dos anos 30, a Internacional Comunista lança a política das Frentes Populares para tentar convencer as democracias burguesas a resistir à onda nazi. Desenvolve-se o oportunismo, o reformismo e o nacionalismo na maioria dos partidos. O caso da Guerra de Espanha. As direcções dos PC iam-se corrompendo, obedecem incondicionalmente a Moscovo. Clima interno de dogmatismo asfixiante.

Mesmo assim, à morte de Staline, a União Soviética e o movimento comunista atingem o auge do poderio e influência. Há um "campo socialista" que abarca um quarto da humanidade e que regista um crescimento económico espectacular. No mundo capitalista, partidos muito fortes. Mas está todo minado por dentro. O stalinismo é a longa agonia do bolchevismo.

E assim o movimento comunista explode em dois ramos opostos: revisionismo e maóismo.

Como contraponto ao stalinismo, surge o **trotskismo**. Sem nunca ter sido umha corrente preponderante, a sua influência internacional cresceu à medida que se tornáram mais conhecidas as realidades do stalinismo.

O seu ponto forte: ser pioneiro na denúncia da burocratização e dos crimes do stalinismo. As suas fraquezas: concepção do socialismo muito semelhante à de Staline. Aliar-se à social-democracia para combater o stalinismo. Querer começar por um centro mundial e daí construir os partidos dos vários países.

Como as outras correntes, o trotskismo veu dividindo-se em tendências muito diversas, sobretudo depois que a União Soviética se tornou capitalista e não se dêrom as "revoluções antiburocráticas" previstas por Trotski.

4. Revisionismo (1956-1989)

No XX Congresso (1956), o partido soviético rompe com o stalinismo em quatro aspectos: denúncia dos crimes de Staline, linha geral da coexistência pacífica com o imperialismo, aliança com a social-democracia, possibilidade de passagem pacífica ao socialismo.

Esta viragem foi necessária porque a direcção soviética tinha que resolver os problemas acumulados na época stalinista: introduzir mecanismos de mercado para tornar as empresas rentáveis, dar maior liberdade aos quadros,

técnicos e intelectuais. Internacionalmente, tentar acabar com a corrida aos armamentos da Guerra Fria que sobrecarregava a economia.

A União Soviética lança o namoro ao imperialismo americano e europeu e à social-democracia. Tenta ganhar as burguesias nacionalistas, em nome de um novo "socialismo" terceiro-mundista. Usa os partidos comunistas como se fossem meros agentes da política externa. Kruchof tem ainda menos cerimônia com os "partidos irmãos" do que Staline. O resultado: desmoralização da base operária dos partidos, que tinha uma imagem idealizada de Staline. As tendências reformistas nos partidos vêm ao de cima. Exemplo: Espanha e Portugal, linha do afastamento pacífico dos ditadores. PC francês, italiano, brasileiro, etc.

5. Maoísmo (1956-1975)

Em 1960 o PC China abre fogo sobre o revisionismo moderno, denuncia a política externa da União Soviética e o oportunismo dos grandes partidos europeus, apela ao retorno ao leninismo, à luta anti-imperialista. É uma linguagem nova que apela às massas, dá confiança revolucionária.

Espalha-se no mundo a história fabulosa do PC da China, a guerra camponesa prolongada, a teoria militar de Mao, a Longa Marcha, a revolução agrária. A China impulsiona o movimento dos não-alinhados, que se opõem aos EUA, levanta a bandeira da revolução que a União Soviética já tinha deitado fora. Contudo, à medida que cresce o poderio e a influência internacional da China, agudiza-se a luta interna no partido entre os que querem prosseguir com a revolução e os que querem modernizar a economia e fazer alianças com o imperialismo. O movimento das comunas populares e depois a "revolução cultural" acabam em desastre. Após anos de confrontos sangrentos, o partido comunista é dominado pela via capitalista que Mao tinha começado por combater. O descalabro da revolução na China é ainda mais rápido do que na União Soviética.

O maoísmo dá frutos na Ásia, na América Latina, em África, onde há grandes massas camponesas oprimidas. Mas na Europa e EUA penetra pouco no proletariado, porque aqui não tinha muito campo de aplicação e deriva em grande medida numa moda estodantil e intelectual.

Mesmo assim forma-se uma corrente "marxista-leninista" que tenta sem êxito tomar o lugar dos partidos revisionistas. Fracassa devido ao descrédito da linha chinesa, que declara a União Soviética como o "maior inimigo dos povos de todo o mundo". Mas fracassa sobretudo porque não soubo responder às questões: como caiu o movimento comunista no reformismo? Como se tornou a União Soviética capitalista? Como podem os comunistas acumular forças nos países do capitalismo moderno?

Conclusom

Se seguirmos a história das correntes do marxismo no século XX, vemos que ele está associado a todo o que houve de revolucionário e avançado. É a única corrente política que está entrelaçada com os interesses das massas exploradas e oprimidas.

Mas o avanço do marxismo no século XX não é linear. A I e II Internacional presidem a um longo período inicial de formação, que fracassa no reformis-

mo. Depois, há umha ruptura e um tremendo salto em frente resultante da grande revolução russa. O comunismo torna-se umha corrente mundial, mas entra de novo em crise devido ao fracasso dessa revolução e à decadência reformista dos partidos. Novamente um salto em frente, resultante de outra grande revolução (China) mas que se afunda com o fracasso desta. Sucessivas correntes marxistas ascendêrom, declinárom e decompuêrom-se por a partir de certa altura nom terem respostas para as exigências da luta de classe do proletariado e dos povos.

Hoje nom podemos dizer que haja umha dominante no marxismo. Há grande confusom. Porque chegámos a esta situação?

As grandes revoluções populares que marcárom o século XX, dirigidas polos comunistas e orientadas para o socialismo, nom conseguiram ir além de um desenvolvimento capitalista sob comando do Estado e acabárom em capitalismo puro e simples.

O marxismo chocou contra esta pedra e está bloqueado enquanto nom figer a crítica do seu próprio percurso. Marx dixo umha vez que "é precisa umha crítica implacável de todo o que existe, umha crítica que nom tenha medo das suas próprias conclusons". Isto nom se aplica só à crítica do capitalismo. Aplica-se também à crítica do nosso próprio caminho. Mas este poderá ser tema para outra conversa.

Francisco Martins

notas:

notas:



www.briga-galiza.org

Ferramentas de formaçom e luita Ferramentas de formaçom e luita

